

O CARÁTER LINGUÍSTICO REGIONAL-POPULAR DA POESIA DE ASCENSO FERREIRA

THE REGIONAL-POPULAR LINGUISTIC CHARACTER OF ASCENSO FERREIRA'S POETRY

Edmilson José de Sá¹

Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA)

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar um estudo léxico-semântico de poemas da literatura pernambucana. Para tanto, o *corpus* foi construído a partir de poemas do escritor Ascenso Ferreira, pelo fato de o autor pertencer a uma geração de escritores preocupados com a linguagem, a literatura e os problemas da sociedade em transição, em cuja produção foi selecionado um conjunto de lexias simples, complexas e frasais com características regionais que serviram de aproximação com a realidade do leitor. Para entender um pouco sobre a maneira como essas características regionalistas se registraram nos poemas de Ascenso, optou-se por analisá-los sob os pontos de vista lexical e morfossintático. Percebeu-se, com a análise, que os exemplos de lexias simples, expressões idiomáticas e construções de tradição oral são comuns na linguagem espontânea falada em Pernambuco, mas que também podem ser encontradas em outros estados do Nordeste, o que só ratifica a importância de estudos dessa natureza, cujo propósito mais amplo é compreender os traços da cultura regional manifestada nos versos de obras literárias, o que permite verificar a 'cor local' do falante e a heterogeneidade da língua que ele fala.

PALAVRAS-CHAVE: Ascenso Ferreira; Pernambuco; Linguagem regional; Linguagem Popular.

ABSTRACT

This article aims to present a lexical-semantic study of poems from Pernambuco literature. To this end, the corpus comprises poems by the writer Ascenso Ferreira, given the author belongs to a generation of writers concerned with language and literature regarding the problems of society in transition, from which was selected a set of both simple and complex lexica, as well as phrasal, with regional characteristics that approximate the reality of the presumed reader. To better understand how the language is construed in Ascenso's poems, a lexical and morphosyntactic analysis was carried out. Results indicate that the simple lexicon, idiomatic expressions, and constructions from oral tradition, are commonly found in the spontaneously spoken language in Pernambuco, and other Northeastern States as well. This affirms the importance of these types of studies, whose broader purpose is to comprehend the traces of regional culture manifested in the verses of literary works, allowing us to identify the 'local color' of the speakers and the heterogeneity of the language they speak.

KEYWORDS: Ascenso Ferreira; Pernambuco; Regional language; Popular language.

¹ Doutor em Letras –Linguagem e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba e Pós-Doutor em Letras – Análise, Descrição e Documentação das Línguas Naturais, pela Universidade Federal do Pará. Professor de Língua e Literatura no Centro de Ensino Superior de Arcoverde e Professor Colaborador do Mestrado PROFLETRAS – Universidade de Pernambuco–Campus Garanhuns. Contato: edjm70@gmail.com

INTRODUÇÃO

Estudos linguísticos sobre a literatura de cor local do Estado de Pernambuco ainda não se igualam aos que são vislumbrados, em termos de extensão, sobre a obra de escritores de outras partes do Nordeste. Contudo, não é recente a ideia de se incorporar o estudo linguístico à literatura, em várias perspectivas distintas como a análise do discurso, a lexicologia, a semântica, a semiótica, dentre outras.

Na verdade, essa junção é mais acentuada quando são usadas produções literárias de cunho regional, uma vez que a riqueza de sua linguagem suscita variadas interpretações e inspira outros trabalhos, graças aos traços significativos unidos pelo processo sociocultural complexo a que a língua se incumbe.

Diante dessas constatações, pretende-se, neste artigo, averiguar se os versos dos poemas de Ascenso Ferreira apresentam marcas linguísticas que se identifiquem como regionais. Para isso, será organizado um estudo léxico-semântico da poesia do autor pernambucano, acreditando que seus poemas apresentem marcas regionais, que agreguem a linguagem popular, e sociais, que vislumbrem os níveis e registros da fala, diferenciando-a conforme os graus de formalidade impostos pela literatura.

Assim, considerando a carga sociocultural que a língua detém por meio dos atos comunicativos que o falante deposita por meio das palavras que profere, compete, então, ao léxico o papel de integrar a cultura e a sociedade à língua, pois ele sistematiza processos estruturais que “permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a aquisição de palavras novas por parte de cada falante (BASÍLIO, 2004, p.10). Por isso, os poemas de Ascenso Ferreira serão analisados com base no repertório lexical neles registrados face a um aporte teórico-analítico de que fazem parte as perspectivas defendidas por Basílio (1987); Barbosa (1993); Biderman (2001) e Aragão (2020).

Espera-se, ao fim da análise, a percepção de que os estudos linguísticos alicerçados em *corpora* literários beneficiem o pesquisador no conhecimento sobre a formação, a neologia e o arcaísmo das palavras, bem como a percepção de valores sociais que se manifestam nas linhas das produções literárias mais próximas.

1 Sistematização da literatura pernambucana

Através dos portugueses, o Brasil recebeu a língua, o direito, a religião católica, desde o início de sua colonização, já que, conforme encontrado em Benjamim (2011, p. 57), além dos doutores, sacerdotes e outros nobres, colonizadores mais populares como marinheiros, soldados, camponeses, comerciantes e empregados que deixaram no país uma herança cultural diversificada, manifestada de várias formas, inclusive, na língua.

No caso da literatura, coube a algumas obras barrocas, editadas em Portugal, o pioneirismo na referência a Pernambuco e se confunde com os primórdios da literatura brasileira. *Bento Teixeira*, por exemplo, trata da vida e do trabalho do terceiro donatário da Capitania que, mais tarde, nomeou o estado em tela: *Jorge de Albuquerque Coelho*. Consta no prólogo de *Prosopopéia (sic)*, encontrado em Teixeira [1601] (1977, p.12):

Dirigido a Jorge d'Albuquerque Coelho, Capitão e Governador da Capitania de Pernambuco, das partes do Brasil da Nova Lusitânia, etc.

Se é verdade o que diz Horácio, que Poetas e Pintores estão no mesmo predicamento; e estes para pintarem perfeitamente uma Imagem, primeiro na lisa távoa fazem rascunho, para depois irem pintando os membros dela extensamente, até realçarem as tintas, e ela ficar na fineza de sua perfeição; [...] se não ver a vida de vossa mercê aumentada e estado prosperado, como todos os seus súditos desejamos.

Beija as mãos de vossa mercê: (Bento Teixeira)
Seu vassalo.

Nos sermões de *Padre Antônio Vieira*, há referências à retórica e teologia, ensinada por ele no Seminário de Olinda, por volta de 1634, como também foram registradas características do mesmo estilo barroco nos poemas de *Isaac Fonseca*, rabino da Sinagoga de Recife nos idos de 1642 e 1654, no *Novo Orbe serafico brasileiro* de autoria do pernambucano *Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão*, seguindo-se de manifestações do baiano *Gregório de Matos*, exilado na capital.

Após essa descrição das produções e fatos evidenciados pela história do Estado e do país, ideias libertárias despontaram na obra de Frei Caneca em seu jornal intitulado *Typhis Pernambucano* a partir de 1823 e nos poemas de José Saldanha.

As reações estéticas do romantismo brasileiro, Maciel Monteiro, o *Barão de Itamaracá* e seus saraus poéticos nos salões burgueses de Recife e de Lisboa precederam a dimensão condoreira, de que faziam parte *Castro Alves* e o pernambucano *Vitoriano Palhares*, enquanto *Joaquim Nabuco*, consagrado por sua oratória e por sua produção memorabilística, conferiu à literatura obras como *Um estadista do Império* e *Minha formação*, que referendam o pensamento político e social brasileiro da época.

Martins Júnior descrevia em seus poemas o cientificismo da Escola de Recife, já presente na prosa que almejava causas abolicionistas e republicanas, adentrando, assim, na valorização e culto à forma que caracterizam o parnasianismo, sendo que foi no Simbolismo do pernambucano Medeiros e Albuquerque que o movimento ganhou mais destaque, seguindo pelo século XX com as contribuições de *Edwiges de Sá Pereira*.

Os elementos regionalistas surgiram ainda no século XX em Pernambuco com *Franklin Távora*, *Carneiro Vilela* e *Faria Neves Sobrinho* e desencadearam o romance de costumes elaborados por *Mário Sette*, *Zeferino Galvão*, *Austregésilo de Athayde* e *Lucilo Varejão*.

Por influência da Semana de Arte Moderna, de 1922, o regionalismo tradicionalista foi levado a Pernambuco por *Joaquim Inojosa* e seguido por *Gilberto Freyre*, ferrenho defensor do movimento, que *Chagas Ribeiro*, *Hermógenes Vieira* e *Renato de Alencar* defendiam na prosa e Ascenso Ferreira, na poesia, mesmo que *Carlos Pena Filho*, *Mauro Motta* e *Audálio Alves* tenham preferido retornar ao tradicionalismo parnasiano.

Sobre o movimento regionalista defendido por Gilberto Freyre, consta que:

[...] o primeiro regionalismo nordestino valorizou o homem e as coisas deste pedaço do Brasil, numa interpretação realista dos nossos fatos históricos, sociais e econômicos. E também criou uma nova mentalidade anticadêmico-cista no meio dos jovens intelectuais do Nordeste, que puderam cristalizar as suas ideias nos estudos históricos e geográficos, no ensaio sociológico, no romance social e na poesia regionalista ou profundamente humana. (ROCHA, 1964, p. 15)

Além disso, surgiu em outubro de 1970 o que se tornou o marco inicial do Movimento Armorial, que reunia artistas que visavam à valorização erudita da cultura popular tradicional do Nordeste, capitaneado por Ariano Suassuna, escritor paraibano que adotou Pernambuco com local de moradia até seus últimos dias, expressando-se tanto na música e na arte quanto na literatura.

2 Diferentes parâmetros de análise linguística com *corpus* literário

Análises linguísticas pautadas em textos literários estão, cada vez mais, presentes nas mesas dos leitores e especialistas na área. Para tanto, usufruem de temas dos mais variados, relacionados a várias áreas pertencentes à macro e, pelo *continuum*, à microlinguística.

Um dos aspectos mais relevantes que se pode citar é a questão lexical, embora ainda se encontre resistência face a outros estudos linguísticos, como atesta Biderman (2001, p. 97)

ao dizer que “a notória dificuldade de estudar o léxico de uma língua se deve ao fato de ser este um sistema aberto, contrariamente aos demais domínios linguísticos como a Fonologia, a Morfologia e Sintaxe.”

As unidades de significado são estudadas pela Morfologia e pela Semântica, enquanto as unidades. Assim, é possível tanto abordar do significante como sinal como focalizar a dimensão compreensível do signo e as suas relações com as coisas denominadas, enquanto o domínio do significado das frases cabe à Sintaxe. Esses níveis linguísticos se relacionam à lexicologia, já que, essa estuda as palavras em sentido social.

Para Dubois et al. (1973), o léxico designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc., o que faz dele um opositor ao termo vocabulário, enquanto Carvalho (2009) considera os dois termos como sinônimos. Para a autora:

Trata-se de um inventário dos vocábulos que constam sempre em dicionários de uma língua. Sendo a menos sistemática das estruturas linguísticas, o léxico depende, em grande parte, da realidade exterior, não linguística. É, ainda, um conjunto virtual, onde se pode identificar como unidade básica o morfema, ou unidade mínima significativa mínima. (CARVALHO, *op cit*, p. 19)

Martinet (1964) conceitua o léxico como o conjunto de morfemas lexicais, enquanto Ulmman (1964) se refere não a morfemas, mas a palavras lexicais. Biderman, então, (2001, p. 139), assim o define:

Léxico é um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. O sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através do tempo.

A propósito da semântica, Greimas e Courtés (1981) afirmam que se trata do conteúdo total atribuído a um significante, ou seja, seu conjunto de traços pertinentes, como conceitua Pottier (1987).

No que concerne a morfossintaxe, Lewandowski (1995, p. 235) a conceitua como “uma parte da gramática que estuda os morfemas conforme a sua função sintática”. Contudo, Câmara Jr. (2000) pretere essa designação, mas, ao se referir aos morfemas relacionais, ou seja, àqueles que se relacionam dentro da enunciação, preconiza que a sintaxe resulta justamente da aplicação desses morfemas.

Nesse sentido, concorda-se com Polguère (2018, p. 23), quando afirma que “[...] palavras estão no cerne do conhecimento linguístico, pois falar uma língua consiste, antes de mais nada, em combinar palavras no seio de frases tendo em vista comunicar-se”, remetendo-se a uma perspectiva morfossintático-semântica, que visa à descrição de sentidos cujos referentes são atualizados na língua, como reza Lyons (1977).

A partir do recorte de diferentes parâmetros de análise linguística aqui expostos, pretende-se analisar o léxico com *corpus* literário, já que é o vocabulário que representa todo o universo de sentimentos, sensações, experimentações e cogitações que vigoram na mente do escritor e possibilitam variadas interpretações oriundas das interferências fonéticas, semânticas e morfossintáticas.

3 A linguagem poética Ascensista

Ascenso Ferreira foi um escritor pernambucano do final do século XIX e natural de Palmares, município da Zona da Mata Sul do estado, cujo nome de batismo era Aníbal Torres, mas, com apenas 22 anos de idade, o poeta radical e inexplicavelmente alterou seu nome de registro para Ascenso Carneiro Gonçalves Ferreira, usando para isso o nome de

seu avô materno e o último sobrenome oriundo de sua família materna. Ficou conhecido por agregar o movimento modernista de 1922 a uma poesia que destacava a temática regional de sua terra, servindo-se de uma 'linguagem simples, direta, coloquial, livre dos grilhões da gramática, com um vocabulário acessível, comum, objetivo e com imagens diretas' (CAMPESTRINI, 1989, p. 146).

Prezando por se expressar em poemas as suas inquietações sobre os primeiros idos do século XIX, Ferreira se inspirava em um Recife economicamente prejudicado na indústria açucareira, numa época de acentuadas transformações que ultrapassavam as fronteiras pernambucanas, insinuando uma região arcaizada e atrasada, inclusive, cognitivamente. A esse respeito, Arrais (2006, p. 20) constata:

O recorte espacial que toma forma no redesenho da economia e do poder nas primeiras décadas do século XX, é concomitante ao investimento simbólico realizado pelos intelectuais, os de Pernambuco muito particularmente, que resultará num conjunto geográfico, chamado Nordeste, dentro do qual serão fixados os elementos identitários reunidos pelos modernistas-tradicionistas liderados por Gilberto Freyre.

Diante dessa contextualização política, os poemas de Ferreira parecem patinar entre o conservadorismo e a modernidade, conforme encontrado em *Catimbó*, *Cana caiana* e *Xenbenhém*. Do ponto de vista linguístico, essas percepções representam um campo fértil para análise quer do ponto de vista diastrático (social), quer do ponto de vista diatópico (geográfico) e ainda o diafásico (grau de formalidade). Assim, recorre-se aos preceitos característicos da Sociolinguística para averiguar as:

[...] relações entre a língua e a sociedade, suas inter-relações e o papel que cada uma exerce sobre a outra, determinando os níveis ou registros de fala, que vão desde o nível mais informal da modalidade falada ao mais formal da modalidade escrita, que é o literário, correlacionando-os com o nível sociocultural de seus usuários (ARAGÃO, 2020, p. 4)

De acordo com esse ponto de vista, delimitam-se os níveis da linguagem popular e erudita, a que Ascenso Ferreira se valia para inserir, em seus poemas, reflexos da opressão socioeconômica compartilhada no Nordeste do século XX. Assim, o escritor reivindicava o sentido de atualidade que rompia com a literatura tradicional, acatando versos sem pontuação, sem continuidade, aproximando-se da fala popular e repudiando o academicismo conversador e acrescentando marcas da coloquialidade. A esse respeito, afirma Nunes (2006, p. 13):

Ascenso estrutura sua obra justamente na expressão dos costumes do nordestino com um toque de festa, de religiosidade e de reminiscências em seus poemas. Seja na descrição de uma imagem do árido sertão, da cavallhada que ocorre no interior da região, da dor pela seca e pela espera da chuva, do carnaval do Recife, da noite que cai, da fartura na casa-grande, do maracatu que segue nas ruas de Pernambuco, dos bêbados de fim de feira, do bumba-meu-boi, das mandingas, do recorte que se faz de uma parte do país que conserva acesa a chama da cultura popular: em todos esses momentos é um cenário que se monta tendo como ornamento fundamental a voz popular.

Do ponto de vista diatópico, as motivações regionais levadas para língua são averiguadas através das marcas fonéticas, lexicais e morfossintáticas expressas pelo falante, caracterizando as especificidades presentes na comunicação e propondo limites isoglóssicos sob os falares, pois demarcam áreas geográficas em que se registram traços linguísticos. Para isso, caberá ao estudo lexical o suporte para essas averiguações, pois é no espaço dos poemas que o escritor salvaguarda mundos sociais e universos culturais, já que “é por meio da palavra

que o passado pode ser revivido e o futuro pode ser inventado com múltiplas faces”. (SILVA, 2016, p. 18)

A amálgama entre as dimensões diastráticas e diatópicas contribuirão para a confirmação dos sinais de erudição, popularidade e regionalização e, a propósito deste artigo, poderão ser percebidas na poesia de Ascenso Ferreira, já que ela apresenta resquícios de uma linguagem culta, porém também registra elementos regionais, encontrados nas escolhas lexicais.

3 O *corpus* de estudo: poemas de Ascenso Ferreira

As marcas regionalistas de Ascenso Ferreira ultrapassavam os limites da língua e da literatura e se incorporavam a hábitos pessoais, a começar pelo chapéu de palha que costumava usar, já que os costumes se unem à cor local, ao espaço geográfico, ao tipo humano e à linguagem para caracterizar o ambiente regional.

A respeito da linguagem regionalista dos seus poemas, Mário de Andrade, seu amigo, ao se referir ao poema *Catimbó*, lançado em 1927, opina:

Depois que as personalidades dos iniciadores se fixaram, só mesmo Ascenso Ferreira com este *Catimbó* trouxe pro modernismo uma originalidade real, um ritmo verdadeiramente novo. Esse é o mérito principal dele a meu ver, um mérito inestimável. Agora não basta originalidade para uma obra obter valor, não. (ANDRADE, 1995, p. 17)

Com as coletâneas de poemas *Cana caiana* e *Xenbenbém*, Ferreira deixa clara sua inquietação com os processos de modernização e isso, obviamente, pode ser refletido em sua linguagem como também ocorre nos poemas *Oropa*, *França e Bahia*, *A mula de padre*, *A cavallada*, *A pega do boi* e *Toré*. Como exemplo, convém citar um trecho de *Predestinação*, que já inicia com uma construção pleonástica comum aos falares regionais-populares:

- Entra pra dentro, Chiquinha!
Entra pra dentro, Chiquinha!
No caminho que você vai
você acaba prostituta.

E ela:

- Deus te ouça, minha mãe...
Deus te ouça... (FERREIRA, 1995)

A verificação dos aspectos lexicais é feita com a catalogação dos itens e dos processos de que fazem parte os poemas, indicados pela numeração conforme o quadro 1, cuja escolha ocorreu após uma leitura minuciosa de cada um dos poemas da coletânea encontrada em Ferreira (*op. cit.*) e a prévia análise léxico-semântica que permitiu a averiguação dos fenômenos linguísticos que sinalizam marcas regionais e populares ou que mantêm as características eruditas exigidas pela literatura e pela língua escrita, conforme análise apresentada logo em seguida.

Quadro 1: Títulos dos poemas de Ascenso Ferreira

1. Mulata sarará	7. Cinema	13. Toré	19. A copa do mundo
2. Oropa, França e Bahia	8. Fazendeiro	14. Martelo	20. Minha escola
3. Catimbó	9. Trem de Alagoas	15. Sertão	21. Maracatu
4. História Pátria	10. A mula de padre	16. Reisado	22. Misticismo
5. Filosofia	11. Meu carnaval	17. Noturno	
6. Nordeste	12. A festa	18. O verde	

Fonte: Organização do autor

4 Estudo léxico-semântico dos poemas de Ascenso de Ferreira

Seguem categorizadas aspectos léxico-semânticos da linguagem dos poemas do autor a partir de uma seleção de itens que sinalizam marcas regionais e populares, botanismos, estrangeirismos, tupinismos e africanismos, idiomatismos, construções oriundas da tradição oral bem como construções morfossintáticas.

Um dos poemas mais representativos da linguagem regional popular de Ascenso Ferreira é *Catimbó*, que apresenta além de fenômenos linguísticos típicos da linguagem nordestina, exemplificado pelo repertório lexical pertencente ao campo semântico dos astros, sinais da linguagem erudita, sobretudo, nas construções verbais. Para observar os aspectos selecionados e exemplificados a partir do quadro 1, convém conferir no quadro 2, na seqüência, esses aspectos nas linhas retiradas de Silva (2016, p. 118).

Quadro 2: Trecho de Como polpa de ingá maduro

<p><u>Levar-lhe-á</u> os perfumes do incenso que lhe vivo a queimar. (...) Pelas <u>três-marias</u>... Pelos <u>três reis magos</u> ... Pelo <u>sete-estrela</u>... Eu firmo esta intenção, bem no fundo do coração, e o <u>signo-de-salomão</u> ponho como selo...E ela <u>há de me amar</u>... <u>Há de me amar</u>... <u>Há de me amar</u>... – Como a coruja ama a treva e o bacurau ama o luar!...</p>

Fonte: Silva (2016, p. 118)

O poema disposto no quadro 2 registra a linguagem erudita manifestada na construções verbais 'levar-lhe-á' e 'há de' e a linguagem regional em denominações lexicais para a faixa de estrelas conhecida por Via-Láctea. A seguir, um estudo semântico-lexical dos poemas de Ascenso Ferreira traz aspectos que sinalizam as marcas regionalistas.

4.1 Aspectos regionais e populares

Falar de regionalismos implica considerar as variedades linguísticas numa perspectiva diatópica, uma vez que, a partir dela, se registram as distinções na pronúncia, no léxico e na organização sintática dos falares regionais. O quadro 3 apresenta alguns exemplos encontrados nos poemas de Ascenso Ferreira apontados entre parênteses.

Quadro 3: Lexias simples com características regionais e populares

<p>viço = brilho; estuar = ferver → 'Quero gozar o <u>viço</u> que no seu lábio <u>estua</u>...' (Catimbó) soturno = triste, assustador → 'O rio <u>soturno</u>, tremendo de frio, com os dentes batendo...' (Noturno) tisonado = meio queimado → 'Com as caras <u>tisonadas</u> que o incêndio queimou...' (Noturno) condenado = idiota. → 'Corre senão o Pai do poço te pega, <u>condenado</u>!' (Noturno)</p>

bulir = mexer	→	‘Fez se aquela escuridão e só se via o lençol <u>bulindo...</u> ’ (Cinema)
furtivo = disfarçado	→	‘E ela, aplaudindo, sorria... sorria... me dando <u>furtivo</u> aperto de mão.’ (Meu carnaval)
beijo = parte da boca, lábio	→	‘Teu <u>beijo</u> encarnado parece um café...’ (Toré)
quicé= faca	→	‘Eu entro na toca e mato a onça a <u>quicé...</u> ’ (Toré)
esquipar= passear	→	‘A gente ia pro carrossel nos seus cabelos <u>esquipar</u> .’ (A festa)
bromar = roer	→	‘Hoje tudo é <u>broma</u> , falsete, não sendo pra admirar.’ (A festa)
encarnizado = sanguinário, enfurecido	→	‘Quadros de guerras <u>encarnizadas</u> , vistas de terras encantadas...’ (A festa)
tanger = apressar	→	‘Lá vem o vaqueiro, pelos atalhos, <u>tangendo</u> as reses para os currais.’ (A festa)
langor = falsa animação, fraqueza	→	‘Surge, às vezes, um segundo, cheia de pérfidos <u>langores</u> .’ (Toré)
alumiar = iluminar	→	‘Ó lua que iluminais esse mundo de meu Deus, <u>alumia</u> a mim também...’ (Oropa, França e Bahia)
largar de = deixar de	→	‘ <u>Larga de</u> ser vagabundo, Ascenso!’ (Noturno)
estacar = fazer parar	→	‘à sua porta eu <u>estacava</u> sempre hesitante...’ (Minha escola)
de lascar = muito forte	→	‘Nas lombadas da serra, o sol é <u>de lascar...</u> ’ (Nordeste)
cachimbar = exalar vapores	→	‘Meu boi surubim, a serra está <u>cachimbando!</u> ’ (O verde)

Fonte: organização do autor

No quadro 3, exemplificaram-se exemplos típicos da linguagem regional nordestina como ‘condenado’, no sentido de pessoa sem inteligência; ‘esquipar’, no sentido de passar; tanger, no sentido de apressar; e a expressão ‘de lascar’, para enfatizar o quão forte pode ser um fenômeno da natureza ou qualquer ação que ocorra em grandes proporções. Essas expressões se popularizam na Região Nordeste e, a cada vez que são proferidas na fala espontânea, já se constata a procedência.

4.2 Regionalismos com variação fonética

A variação fonética se constitui de flutuações oriundas de acréscimos, eliminações ou transposições de segmentos, aspectos comuns na fala regional e também encontrados nos poemas de Ascenso Ferreira..

No verso ‘Que o rádio diga sobre o presepe...’ (A festa), há uma monotongação do ditongo /io/ de *presépio*, enquanto nos versos ‘Onde vais mulhé? Vou me daná no carrossé!’ (Oropa, França e Bahia) e ‘Gunvernadô destes Brasi, dai-me licença pra diverti...’ (Reisado), percebem-se apócopies, ou seja, eliminações nas letras finais das palavras *mulher*, *danar*, *carrossel*, *governador*, *Brasil* e *divertir*. Para Mendonça (2012), tal comportamento decorre de influência africana e, na escrita, os itens oxítonos são acentuados pelas regras gramaticais de acentuação. No caso de ‘gunvernadô’, também foi observado outro comportamento fonético. Trata-se do alteamento da vogal média pretônica /o/ e sua nasalização.

No verso ‘As naus que ao longe passavam, de Oropa, França e Bahia...’ (Oropa, França e Bahia), destaca-se a monotongação do ditongo /eu/ da palavra Europa, característico do falar regional popular. No Nordeste, assim como no verso ‘Oxente, mulher! Tu estás pensando que comadre Cazuzá é pinto?!’ (Fazendeiro), registra-se a expressão ‘oxente’, aglutinada de Oh gente, conforme encontrado em Marroquim (1996).

4.3 Africanismos e tupinismos

O português falado em Pernambuco abrange um *continuum* de variedades do português afro-brasileiro e do português indígena. Ascenso Ferreira, nascido em Palmares,

na Zona da Mata Sul próxima aos conhecidos redutos quilombolas, insere itens lexicais de origem africana como ‘mocambo’, denominando o *escravo*; ‘moleque’, como sinônimo de *menino* no verso ‘Mergulham mocambos nos mangues molhados, moleques mulatos...’ (Trem de Alagoas). Somado a ‘mocambo’ e ‘moleques’, registram-se os instrumentos musicais destacados no verso ‘Batuque de ingono cantiga de banzo, ranger de ganzá (Maracatu) com origem crioula. No verso ‘Entrou no meu corpo algum mangangá.’ (Misticismo), por sua vez, a lexia ‘mangangá’, caracterizando um tipo de abelha no verso, advém de étimo tupi, herança étnica também recorrente no Estado.

4.4 Estrangeirismos

Partindo da perspectiva apontada por Farelli (2007) de que os estrangeirismos são usados em textos publicitários e jornalísticos, mas também em produções literárias, no intuito de persuadir o leitor, Ascenso também insere lexias em língua inglesa como em ‘Que Cristo estava up-to-date’ (A festa) e ‘Maria embocou pela porta de Chico Tenório a dentro da qual se encontrava muito tempo offside...’ (A copa do mundo). No poema *Minha escola*, há o galicismo ‘Quand le christianisme avait apparu sur la terre’ e no poema *Misticismo*, há o lusitanismo ‘mingorra’ no verso ‘Pinicainho, da barra do 25, mingorra, mingorra...’

4.5 Botanismos

Embora seja comum em construções frasais com interpretação metafórica, nos poemas de Ascenso Ferreira podem ser verificados botanismos, ou seja, itens lexicais que agregam nomes referentes a plantas e flores, como disposto no quadro 4.

Quadro 4. Botanismos em poemas de Ascenso Ferreira

bogari = flor de jasmim → ‘Cheirava a flor de <u>bogari</u> ’. (A festa)
alcanfor = fruto da alcanforeira → ‘Viraste alcanfor... viraste <u>alcanfor</u> ...’ (Meu carnaval)
benjoim = planta aromatizante do benjoeiro → ‘Queijos da Serra da Estrela, perfumes de <u>benjoim</u> ...’ (Oropa, França e Bahia)
ingá = árvore leguminosa → ‘Teu corpo é branquinho como a polpa do <u>ingá</u> maduro!’ (Martelo)
baraúna = árvore leguminosa → ‘O ferreiro malhando no topo das <u>baraúnas</u> .’ (Nordeste)

Fonte: Organização do autor

4.6 Arcaísmos

Os poemas ascensistas mantêm itens lexicais já arcaizados pela língua a exemplo de ‘almanjarra’, conceituado como um eixo a que se prendiam os animais no moinho e registrado no verso ‘Lá embaixo a almanjarra, a rara almanjarra gemia...’ (A mula de padre). Também se enquadram na mesma classificação as lexias ‘nau’ no sentido de embarcação presente no verso ‘Essas naus foram vintena que eu herdei de minha tia...’ (Oropa, França e Bahia) e ‘carrilhão’, como um instrumento usado em orquestras onde os sinos são substituídos por tubos de metal, encontrado no verso ‘Mas tudo emendava num só carrilhão...’ (História Pátria).

4.7 Topônimos referentes a municípios pernambucanos

A Toponímia estuda a procedência da significação dos nomes dos lugares, chamados, nessa perspectiva, de topônimos. Sem entrar no mérito da análise geo-histórica, socioeconômica e antropolinguística dos nomes dos lugares, destacam-se versos em que o

autor menciona nomes de municípios localizados geograficamente em extremos opostos do estado onde nasceu:

‘Sertão! - Jatobá! Sertão! - Cabrobó! - Cabrobó! - Ouricuri! - Exu! - Exu!’ (Sertão)
 ‘Vou-me embora pra Catende! Vou-me embora pra Catende!’ (Trem de Alagoas)

4.8 Comparações

Na linguagem popular, comumente são usadas expressões comparativas, com a estrutura [adjetivo + modalizador + comparante]. Para Xatara (1994), trata-se de uma metáfora-transferida, que não possui caráter predicativo, como se percebe nas seguintes expressões encontradas nos poemas de Ascenso Ferreira.

‘Mulheres brancas como açúcar de primeira!’ (Misticismo)
 ‘Mulheres brancas como a penugem do ingá!’ (Misticismo)
 ‘Teu corpo é branquinho como a polpa do ingá maduro!’ (Martelo)
 ‘O sol é vermelho como um tição!’ (Sertão)
 ‘E o meu mestre, carrancudo como um dicionário!’ (Minha escola)
 ‘A escola que eu frequentava era cheia de grades como as prisões!’ (Minha escola)

4.9 Idiomatismos

As estruturas que representam combinações de morfemas sem formarem unidades semânticas, embora, em conjunto, se constitua uma nova unidade semântica é chamado por Chafe (1979) de idiomatismos, exemplificados nos versos dos seguintes poemas:

‘Felizmente, à boca da noite, eu tinha uma velha que me contava histórias.’ (Minha escola)
 ‘Passe a mão à palmatória!’ (Minha escola)
 ‘E depois que ela foi solta, entupiu no oco do mundo...’ (A mula de padre)

4.10 Construções oriundas da tradição oral

Os textos de tradição oral se referem às produções faladas, mas que também são encontradas nas produções escritas. O verso ‘Madeira que cupim não ró!’ (Mulata sarará), por exemplo, traz uma expressão que intitula uma marcha de carnaval composta por Capiba, em 1963, em protesto contra o resultado de um concurso de blocos ocorrido no mesmo ano. Em ‘Pernas pro ar que ninguém é de ferro!’ (Filosofia), tem-se mais um exemplo de expressão da oralidade, em que se manifesta situação de uso corrente para motivar o leitor para a busca por trabalho.

4.11 Alterações na colocação pronominal

Os exemplos que se destacam nos poemas de Ascenso Ferreira com alterações na colocação pronominal representam exemplos de variação diastrática, ou seja, caracterizadas por influência de restrições sociais. Segundo Lopes e Botassini (2019), a próclise, na língua portuguesa brasileira, é um fenômeno linguístico praticamente categórico, fugindo no que a gramática normativa preconiza e o exemplo ‘Danou-se! Se move, se move, faz onda... Que nada!’ do poema *Trem de Alagoas* ratifica tal comportamento.

De modo adverso, o verso ‘Pegou-la e sustentou-la! Danou-lhe um beijo, danou-lhe um beijo!’, do poema *Cinema* apresenta a ênclise como variante da norma que pede o pronome ‘a’ nessa posição, enquanto no verso ‘Parecem quererem suster-me no chão!’ do

poema *Noturno*, tem-se uma construção mais erudita, facilmente perceptível no Português Europeu, como atesta Lopes (2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresenta alguns exemplos da linguagem regional que oferecem vários campos de análise, abordando desde questões políticas e socioeconômicas até as interpretações eminentemente linguísticas.

O escopo deste artigo não contempla todas as marcas regionais e populares encontradas nas linhas dos poemas do escritor pernambucano. Trata-se apenas de uma visão aperiente sobre a linguagem nordestina e expõe somente um pouco do que outros trabalhos de mesma natureza poderão expor, inclusive para tecer comparações com a linguagem encontrada em outras produções literárias, uma vez que os exemplos aqui percorridos são, talvez em grande maioria, encontrados em outras regiões.

Porém, fica claro que autores como Ascenso Ferreira, Gilvan Lemos, João Cabral de Melo Neto, Raimundo Carrero e tantos quantos a mente alcançar estão contribuindo sobremaneira para fazer com que as particularidades encontradas em suas obras constituam o retrato de sua cultura. Em outras palavras, vão muito além da exaltação das paisagens e dos personagens, pois descrevem, de maneira mais centrada e reflexiva, o que realmente ocorre linguisticamente em sua região.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. In: FERREIRA, Ascenso. **Poemas de Ascenso Ferreira**. 5. ed. Recife: Nordestal, 1995. p. 17-21.

ARAGÃO, M.S.S. A linguagem regional popular de José Lins do Rego. **Acta Semiotica et Linguística**. João Pessoa: UFPB, Vol. 25 – Ano 44 –nº 1 –2020.

ARRAIS, Raimundo. **A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardoso e Austragésilo**. Recife: Bagaço, 2006.

BARBOSA, M. A. **O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos**. I Encontro de Estudos Linguísticos de Assis. Anais. Assis, SP: UNESP, 1993.

BASILIO, M. **Teoria lexical**. Ática: São Paulo, 1987.

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BENJAMIN, Roberto. **Cultura pernambucana**. João Pessoa: Grafset, 2011.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 153-166.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**: referente à língua portuguesa. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAMPESTRINI, Hildebrando. **Literatura brasileira: textos e testes**. São Paulo: FTD, 1989.

- CARVALHO, Nelly Medeiros de. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1989.
- CHAFE, W. L. **Significado e estrutura lingüística**. Trad. Maria Helena de Moura Neves. Rio de Janeiro, São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FARELLI, Eliane Cauza. **O uso do estrangeirismo como estratégia de persuasão no discurso publicitário: análise de três peças publicitárias**. Dissertação de Mestrado em Letras. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007.
- FERREIRA, Ascenso. **Catimbó – Cana caiana – Xenhenhém: poemas de Ascenso Ferreira**. 5. ed. Recife: Nordestal, 1995.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: Contexto, 2008.
- LEWANDOWSKI, Theodor. **Diccionario de lingüística**. 4. ed. Madrid: Cátedra, 1995.
- LOPES, Ana Luiza Araújo. **A ênclise em orações dependentes na história do Português Europeu (séc. 16 a 19)**. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: UNICAMP, 2010.
- LOPES, Andréia Caroline; BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **A variação na colocação pronominal da língua portuguesa falada no norte do Paraná**. Revista Tabuleiro de Letras (PPGEL, Salvador, online), vol.: 13; n. 3, Especial, dezembro de 2019.
- LYONS, John. **Semântica – I**. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1977.
- MARROQUIM, Mário. [1934] **A língua do Nordeste**. 3ª. ed. Curitiba: HD Livros Editora. 1996.
- MARTINET, André. **Elementos de Lingüística Geral**. Trad. Jorge de Moraes Barbosa. Lisboa: Sá Costa, Ed. 1964.
- MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília : FUNAG, 2012.
- NUNES, Ana Rosa de Mendonça. **Modernismo e tradição da oralidade na poesia: uma leitura de Clã do jabuti, de Mário de Andrade, e Catimbó, de Ascenso Ferreira**. Dissertação de Mestrado em Letras. Natal: UFRN, 2006.
- POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais**. Trad. Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.
- ROCHA, Tadeu. **Modernismo & Regionalismo**. 2 ed. Maceió: Imprensa Oficial, 1964.
- SILVA, Valéria Torres da Costa e. **Como polpa de ingá maduro: poesia reunida de Ascenso Ferreira**. Recife: CEPE, 2016.
- ULLMAN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. 4. ed. Trad. José Osório Mendes. Lisboa: Fundação Kalouste Gulbenkian, 1964.

XATARA, C. M. **As expressões idiomáticas de matriz comparativa.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1994.

Submetido em 06/08/2020

Aceito em 17/02/2021